

SIMPÓSIO AT009

A PRESENÇA DOS CONTOS DE FADAS NA LITERATURA JUVENIL: RESSIGNIFICAÇÕES, REITERAÇÕES E POSSIBILIDADES

BARTH, Pedro Afonso
UEM
pedroabarth@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar as formas com que obras contemporâneas da Literatura Juvenil Brasileira dialogam, reestruturam ou ressignificam os contos de fadas. Para tanto, escolhemos três obras: *Cinderela Pop* de Paula Pimenta (2015), obra que apresenta uma releitura de Cinderela, a saga fantástica *Dragões de Éter* de Raphael Dracon (2014), em que há referências a muitos contos de fadas – mas nosso foco será na representação da Chapeuzinho Vermelho - e a saga *O príncipe Gato* de Bento de Luca (2015) que apresenta diálogo com o conto *O gato de Botas*. Ambas as obras dialogam ou adaptam contos de fadas, de maneiras distintas. Como marcos teóricos importantes desse trabalho utilizamos as obras de Colomer (2017), Novaes Coelho (2002), Tolkien (2017), entre outros. Chegamos à conclusão que *Cinderela Pop* promove uma atualização do conto: a mesma história é contada ambientada no século XXI. Ou seja, Cinderela apresenta o mesmo comportamento de uma aspirante à princesa do século XVI, não há uma atualização do papel feminino no século XXI. Já na saga *O príncipe Gato* a história original não é adaptada e nem apresenta novas significações. Assim, o conto de fada original é usado apenas como chamariz, como uma espécie de muleta narrativa. Por sua vez, em *Dragões de Éter* temos modificações na trama original, transformada de acordo com a saga fantástica em questão. A obra original é revisitada, mas tem seus sentidos modificados e reorganizados em uma nova lógica. As três análises apontam formas em que contos de fadas podem aparecer em narrativas juvenis e como os seus sentidos são (ou não) atualizados. Dessa forma, este trabalho auxilia na construção de um aparato crítico para analisar adaptações para adolescentes.

Palavras-chave: Literatura Juvenil; Contos de Fadas; Sagas Fantásticas; Adaptação.

Abstract: The objective of this work is to analyze the ways in which contemporary works of Brazilian Juvenile Literature dialogue, restructure or resignify the fairy tales. For that, we chose three works. *Cinderela Pop* by Paula Pimenta (2015), a work that presents a retelling of Cinderella. The fantastic saga *Dragões de Éter* by Raphael Dracon (2014), in which there are references to many fairy tales - but our focus will be in the representation of Little Red Riding Hood. And the saga *O Príncipe Gato* of Bento de Luca (2015) that presents / displays dialogue with the tale the cat of Boots. Both works dialogue or adapt fairy tales in different ways. As important theoretical frameworks of this work we use the works of Colomer (2017), Novaes Coelho (2002), Tolkien (2017), among others. We came to the conclusion that *Cinderela Pop* promotes an update of the story: the same story is told set in the twenty-first century. That is,

Cinderela bears the same behavior as an aspiring princess of the sixteenth century, there is an update of the feminine role in the twenty-first century. Already in the saga, *O Príncipe Gato* the original story is not adapted nor presents new meanings. Thus, the original fairy tale is used only as decoy, as a kind of narrative crutch. On the other hand, in *Ether Dragons* we have modifications in the original plot, transformed according to the fantastic saga in question. The original work is revisited, but has its senses modified and reorganized into a new logic. The three analyzes point to ways in which fairy tales can appear in juvenile narratives and how their senses are (or are not) up-to-date. In this way, this work assists in the construction of a critical apparatus to analyze adaptations for adolescents.

Keywords: Juvenile Literature; Fairy tale; Fantastic Sagas; Adaptation.

Introdução

Ao pensar em literatura infantil, provavelmente, pensaremos também em Contos de fadas. Essas narrativas permeiam o imaginário de crianças e costumam servir como um farto terreno para relações intertextuais. De Monteiro Lobato até Ana Maria Machado, são muitos os exemplos de autores que mobilizaram elementos dos contos de fadas para a criação de adaptações ou novas histórias.

Entretanto, esse uso referencial de histórias clássicas não é exclusivo da literatura infantil, a literatura juvenil também apresenta obras em que as referências aos contos de fadas são utilizadas e ressignificadas. O presente trabalho analisará três obras juvenis que utilizam referências à contos de fadas em sua composição. Vamos apontar três formas distintas em que a referência a uma personagem clássica do contos de fadas é mobilizada: quando o conto de fadas é adaptado e recontado, quando há apenas uma menção ou presença intertextual, e finalmente, quando ele é totalmente recriado e ressignificado.

1. Contos de Fadas e a Literatura Juvenil

Os contos de fadas podem ser considerados como matrizes, como elementos fundamentais para a compreensão da gênese da literatura

infantil. Autores como Nelly Novaes Coelho (2012), Bruno Bettelheim (2015), Diana e Mário Corso (2013) são alguns dos estudiosos que estudam a importância dessas narrativas para a construção de significações que serão importantes para a infância. Tais histórias são referências tão fortes que continuam a ser elementos de composição de várias narrativas, inclusive narrativas juvenis.

Na obra *Árvore e Folha*, Tolkien (2017) publicou o ensaio “Sobre Contos de Fadas”, escrito originalmente entre 1938 e 1939, em que defende a fantasia, elemento enraizado nos contos de fadas:

É claro que a Fantasia pode ser levada ao excesso. Pode ser malfeita. Pode ser empregada para maus usos. Pode até mesmo iludir as mentes das quais surgiu. Mas de que coisa humana neste mundo decaído isso não é verdade? Os homens não somente conceberam elfos, mas imaginaram deuses, e os adoraram, adoraram até mesmo aqueles mais deformados pelo mal de seu próprio autor. Mas fizeram falsos deuses a partir de outros materiais: suas opiniões, seus estandartes, seus dinheiros - até suas ciências e suas teorias sociais e econômicas demandaram sacrifício humano. *Abusus non tollit usum*. A Fantasia continua sendo um direito humano: fazemos em nossa medida e em nosso modo derivativo, porque somos feitos, e não somente feitos, mas feitos à imagem e semelhança de um Criador (TOLKIEN, 2017, p. 53-54).

Na citação, o autor e escritor realiza o início de uma ampla defesa da fantasia e dos contos de fadas, considerados pelo autor como um direito humano. E assim defende que os elementos dos contos de fadas são coerentes e importantes para quaisquer faixas etárias. Como reflexo dessa defesa, o autor criou *O senhor dos anéis*, obra considerada como um conto de fadas para adultos.

Entretanto, é legítimo apontar que Literatura Juvenil apresenta elementos muito específicos. É uma literatura endereçada para um leitor com uma identidade em construção. Entretanto, é um ser que já apresenta leituras de mundo anteriores, ou seja, apresenta uma bagagem anterior de leituras, o que permite o reconhecimento de referências intertextuais. Dessa forma, obras juvenis com elementos de contos de fadas sempre serão lidas pelo viés dessa referência anterior: levando em conta que o leitor pode reconhecer as menções

intertextuais e estabelecer conexões. Dessa forma, espera-se que uma obra juvenil leve o seu leitor à ressignificações, que amplie o seu horizonte de expectativa e não traga meras reproduções de contos de fadas. Entretanto, observamos os mais diversos usos de tais referências.

A partir dessa premissa, analisamos três obras juvenis que apresentam referências diretas a contos de fadas. *Cinderela Pop*, obra de 2015 de autoria de Paula Pimenta, a obra *Caçadores de Bruxas* de 2007 de Raphael Draccon, obra integrante da saga *Dragões de éter* e a obra *Príncipe Gato e a ampulheta do tempo* de Bento de Luca (2014). Essas três obras foram escolhidas porque representam três formas distintas de utilização das referências aos contos de fadas no tecido discursivo das narrativas juvenis.

2. Quando o Conto de Fadas é reiterado

A autora Paula Pimenta, nos últimos anos, foi presença constante nas listas de obras mais vendidas para crianças e jovens. Ela é representante de um filão: obras protagonizadas por adolescentes que vivem conflitos naturais da sua faixa etária. Um dos seus muitos projetos literários é o desenvolvimento de uma série de livros que possui como premissa a adaptação de histórias de princesas clássicas para os tempos contemporâneos. Ou seja, a transformação de personagens dos contos de fadas em adolescentes brasileiras do século XXI. Uma dessas obras é *Cinderela Pop*, que como o nome deixa explícito é uma atualização do conto da Cinderela.

A obra é protagonizada por Cíntia, uma adolescente que é obrigada pelas circunstâncias a viver com a madrasta e suas filhas e passa a viver uma vida de proibições. Certo dia, ela foge de casa para ser a *dj* de uma balada e se veste como Cinderela, mas sem sapatinho de cristal: ela usa *all star*. O restante da história é compatível com o conto original, ela conhece um rapaz lindo e perfeito (um cantor pop), ela precisa sair antes da meia noite, e perde o seu *all star*. Em suma, a narrativa é a mesma, mas vivida por uma adolescente e com forte presença de elementos do mundo atual dos jovens, como redes sociais, música, blogs e outros elementos.

No nosso artigo “Entre cinderelas e belas adormecidas: representações femininas na literatura juvenil contemporânea” (BARTH, 2018) analisamos as representações femininas que ecoam nessa obra e apontamos que é uma narrativa que não ressignifica o conto original, pelo contrário reproduz discursos patriarcais e pode ser categorizada no grupo de “histórias que refletem o discurso da fragilidade feminina e escondem a necessidade de as mulheres começarem a articular seus próprios valores e opiniões” (RIBEIRO, 2006, p. 74). Ou seja, Cinderela Pop, mesmo ambientada no século XXI, protagonizada por uma adolescente do nosso tempo, é uma reprodução exata do conto original. Tal como a cinderela, Cintia precisa esperar o seu príncipe salvador chegar com o seu *all star*, com a sua felicidade.

Ao apontar a reiteração não queremos dizer que tal estrutura narrativa não apresenta um apelo entre leitores. Pelo contrário, são narrativas bem recebidas, tanto que no ano de 2019 a obra foi adaptada para o cinema e a protagonista foi interpretada por Maísa Silva, grande estrela juvenil dessa década. Entretanto, apontamos que as narrativas juvenis que apenas reiteram a narrativa original e recontam o conto de fadas com elementos da contemporaneidade não trazem inovações e nem possibilitam novas ressignificações e ampliações do significado dos contos originais. Ao não trazerem novidades na construção das personagens, tais narrativas não ampliam o horizonte de expectativa de seus leitores.

3. Quando o Conto de Fadas é mencionado

A segunda obra analisada é *O príncipe Gato e amпуheta do tempo*. A história publicada em 2014, narra a história de um gato guerreiro, príncipe de um universo chamado Marshmallow. Ele precisa viajar entre mundos e chega em São Paulo em busca de um artefato, de uma amпуheta do tempo que pode salvar o seu mundo. Nessa odisséia, ele encontra Hugo, um humano comum que se vê enredado em uma aventura e passa a ajudar o gato falante, mesmo odiando a personalidade do bichano.

Um gato, falante e guerreiro, que interage muito com um humano é uma imagem que lembra a história do Gato de Botas. É uma intertextualidade óbvia e cria sentidos na obra. No conto original, um gato ladino e astuto consegue fazer com seu amo, originalmente pobre, fique rico e bem sucedido. Aqui, há uma inversão na narrativa: o humano falho e não tão astuto que conduz um gato esperto a um caminho de autodescobertas. O Príncipe Gato inicia a narrativa com uma postura arrogante e autossuficiente e ao longo da narrativa vai se humanizado, passa a considera o humano como amigo. Dessa forma, o relacionamento do Príncipe Gato com Hugo apresenta uma evolução, de uma antipatia mútua, até uma sólida amizade.

Assim, concluímos que na obra *O príncipe Gato*, a história original não é adaptada e nem apresenta novas significações relacionadas ao contos de fadas. Na realidade, o conto de fadas é usado apenas como chamariz, como uma espécie de muleta narrativa, que possibilita reflexões acerca da evolução das personagens.

4. Quando o Conto de Fadas é ressignificado

A obra de Raphael Dracon, *Caçadores de Bruxas*, foi publicada originalmente em 2007 e faz parte de uma saga fantástica intitulada Dragões de Éter. É uma das sagas mais bem-sucedidas comercialmente no Brasil. Atualmente é uma trilogia composta, além da obra citada, por *Corações de Neve* e *Círculos de Chuva*. A saga cria um mundo, um universo paralelo denominado Nova éter, um mundo repleto de novos países, novas raças, novos povos. Uma característica desse universo é que alguns de seus personagens tem características que lembram personagens dos contos de fadas.

Por exemplo, uma das personagens é Ariane. Ela é conhecida como Chapeuzinho Vermelho. Entretanto, no início da história, a menina Ariane tinha uma capa branca. Entretanto, ela passa a ser conhecida como menina da capa vermelha, porque sua roupa inteira foi manchada com o sangue da sua avó,

durante o ataque de um lobo maligno. O lobo na verdade era um animal encantado com magia negra por uma bruxa maligna e sua missão era matar Ariane por ela ser uma bruxa boa e iria ser iniciada pela sacerdotisa, a sua avó.

Em suma, a história de Ariane, como Chapeuzinho Vermelho é integrada na trama maior de Caçadores de Bruxas. Ao longo da narrativa, Ariane reconhece-se como bruxa e abraça sua vocação, honrando a memória da sua avó e buscando confronto contra a bruxa maligna que mandou o lobo enfeitado. Em relação a essa adaptação\releitura de contos de fadas destacamos a seguinte citação, retirada do epílogo da obra:

Por que a avó de Chapeuzinho Vermelho morava sozinha no meio de uma floresta? E qual diabos é o nome dessa garota? E por que ela foi enviada sozinha pela mãe? Se eu tentasse ir sozinho para a escola com aquela idade, minha avó me daria uns cascudos (se soubesse que lobos estivessem por aí, então...) (DRACCON, 2010, p. 426).

Dracon aponta no epílogo quais as interrogações que fizeram com ele pensasse em uma ressignificação dos contos de fadas: ele queria entendê-los e por isso teve o impulso criador de recontar suas histórias. A partir daí podemos apontar uma lógica na relação das referências intertextuais em sua obra: a reinterpretação de contos de fadas conhecidos e a ressignificação de referências da cultura pop.

Dessa forma, em *Caçadores de bruxas*, temos modificações na trama original, transformada de acordo com a saga fantástica em questão. A obra original é revisitada, entretanto tem seus sentidos modificados e reorganizados em uma nova lógica. Dessa forma, o leitor juvenil é desafiado a compreender as ressignificações operadas na construção das personagens.

5. Considerações Finais

As três análises apontam formas em que contos de fadas podem inspirar narrativas juvenis e como os seus sentidos são (ou não) atualizados. Dessa forma, este trabalho auxilia na construção de um aparato crítico para analisar as referências a contos de fadas em obras endereçadas para adolescentes. Cada uma das obras apresenta uma das seguintes

características: 1. Reiteração da trama e das motivações dos personagens dos contos de fadas, sendo na realidade recontos ou atualizações da história. 2. Menções intertextuais diretas à construção de personagens de contos de fadas e 3. Ressignificações e reelaborações de personagens dos contos de fadas. O fundamental não é classificar obras juvenis em uma das categorias apontadas e sim refletir sobre os mecanismos de construções de sentidos empreendidos quando há a referência intertextual à personagens clássicos dos contos de fadas.

Referências

BARTH, Pedro Afonso. Entre cinderelas e belas adormecidas: representações femininas na literatura juvenil contemporânea. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 17, p. 289-299, jul. - dez. 2018.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2015.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Artmed Editora, 2013.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, aquétipos**. São Paulo: Editora Paulinas, 2012.

DRACCON, Raphael. **Dragões de Éter: Caçadores de Bruxas**. São Paulo: Leya, 2010.

LUCA, Bento. **O príncipe gato e a amпуheta do tempo**. São Paulo: Novo Século Editora, 2013.

PIMENTA, Paula. **Cinderela Pop**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2015.

RIBEIRO, Eliane. **Fragilidade e força: personagens femininas em Charles Perrault e no mito da donzela Guerreira**. Brasília: Éclat, 2006.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. **Sobre histórias de fadas**. Tradução: Ronald Kyrmse. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2017.